



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: Família e Género

PARTIDAS, LARGADAS E FUGIDAS. UMA ANÁLISE DA SAÍDA DE CASA DOS PAIS A PARTIR DOS PONTOS DE VIRAGEM AMOROSOS.

NICO, Magda

Doutorada em Sociologia

Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-IUL), Lisboa, Portugal

magda.nico@iscte.pt

Resumo

As diferenças de género no *timing* da saída de casa dos pais ao longo do tempo e do espaço europeu são consistentes. As mulheres saem mais cedo de casa dos pais do que os homens, padrão em muito justificado (como, aliás, as diferenças entre os países e as gerações) pela predominância destas na co-ocorrência da saída de casa com a entrada em papéis conjugais. Mas este padrão está a alterar-se, sobretudo em países onde estas diferenças de género (quantitativas e qualitativas) na saída de casa dos pais são mais evidentes. Com base em dados com representatividade europeia (ESS 2006), pode afirmar-se que é precisamente essa uma das maiores alterações nas sequências das transições para a vida adulta: a co-ocorrência feminina da saída de casa dos pais com a conjugalidade tende a diminuir, aproximando-se das trajetórias masculinas (Nico, 2011).

A democratização e a feminização do ensino superior não explicam na totalidade esta recente tendência. Há, para além deste fenómeno, aspectos relacionados com a “emergência de uma especificidade da individualização feminina” (Thomson, 2009) e com o facto do período da transição para a vida adulta “ser o mais genderizado de todo o desenvolvimento humano” (Kimmel, 2008) que simplesmente não são apreendidos através de uma análises zigzagueantes entre países e gerações, mas sim necessariamente através de uma metodologia centrada no indivíduo. Com base em 52 entrevistas de carácter biográfico alicerçadas em calendários de vida, foram analisados os “turning points”, “inerentemente narrativos” (Abbott, 2001), associados a trajetórias e rupturas amorosas durante o período de transição para a vida adulta, e o seu impacto nos processos de saída de casa dos pais e de redireccionamento do curso de vida.

Abstract

Gender differences concerning the *timing* of leaving home across time and the European space are consistent. Women tend to leave their parental home earlier than men, and this pattern is in part explained by their tendency to leave home to marry or to enter a consensual partnership. This is also one of the justifications for the variability across countries and generations. But this pattern is changing, mainly in countries where these gender differences (in *timing* and in motive) of the process of leaving home were more striking. Evidence from a European Survey (ESS 2006), representative of the population, confirms that one of the major changes in the European life courses of the last decades is precisely due to the decrease of the female co-occurrence of conjugality and leaving home, and the convergence towards the male life course pattern.

Democratization and feminization of higher education do not totally explain this recent tendency. Besides these phenomena, there are aspects related to the emergence of a specific female individualization (Thomson, 2009) and to the fact that the period of the transition to adulthood is the most gendered of the human development (according to Kimmel, 2008) that simply cannot be captured through analysis centred in the countries or in the generations, rather than centred in the individual. Based on evidence from 52 biographical interviews combined with life calendars, turning points, “inherently narrative” (Abbott, 2001), associated with love relationships and ruptures during the transition to adulthood were analysed, together with their impact in the processes of leaving home and in the direction of their life course more generally.

Palavras-chave: Saída de casa, Transição para a vida adulta, Turning points, Relações amorosas
Keywords: Leaving home, Transition to adulthood, Turning points, Intimate Relationships

PAP0050

1. Saída de casa e transição para a vida adulta

Desde a década de 90 que vários autores têm chamado a atenção para o aumento de importância da conquista de autonomia habitacional face aos restantes marcos tradicionais de transição para a vida adulta (como deixar/acabar os estudos, começar o primeiro emprego, iniciar uma relação conjugal e ter um filho) (Jones, 1995). Consideram-na sinónimo de “*completa independência financeira e residencial*” (Córdon, 1997: 582) e como um significativo e simbólico marco na transição para a vida adulta (Mitchell: 2007 [2006]: 61). Atualmente, alguns autores consideram que ser “socialmente independente” consiste precisamente nesta transição de saída de casa dos pais (Buchmann e Kriesi, 2011:485).

A atribuição desta importância é, porém, relativamente recente. Ao longo do século XX, a saída de casa dos pais não era considerada uma transição separada de outros eventos (Hareven e Adams, 2004: 363). A saída de casa dos pais era o *meio* que permitia a concretização, bem-sucedida e socialmente reconhecida, de um determinado evento demográfico, como o casamento, a parentalidade e/ou a entrada no mercado de trabalho. No entanto, a autonomia habitacional tornou-se ela mesma, autónoma ou “desconectada” dos outros (eventos demográficos). Assim, mesmo quando não desempenha a função de *meio* para nenhum outro evento, a autonomia habitacional tem-se tornado um importante *fim* em si mesmo, uma importante transição para a vida adulta no século XX (Goldscheider e Goldscheider, 1999). Do ponto de vista de uma sociologia das transições, pode então afirmar-se que a saída de casa dos pais é importante porque: (i) coincide geralmente com o assumir de papéis adultos como a gestão de uma casa, a autonomia para tomar as próprias decisões financeiras e de consumo, e com o assumir responsabilidade pela própria vida sem supervisão ou controlo parental; (ii) marca o início de uma trajetória enquanto unidade doméstica independente e é geralmente considerado um pré-requisito para viver com alguém, casar ou ter filhos; (iii) marca a entrada do jovem adulto no mercado habitacional; (iv) e é um importante evento de mudança na relação entre pais e filhos (Mulder, 2009: 203). Além disso, sair de casa dos pais consubstancia-se em dois tipos de transições, ambas com implicações na autonomia habitacional: “1. A transição de dependência financeira para independência financeira, que está relacionada com a transição escola-trabalho e a transição de direitos indiretos de cidadania para direitos diretos de cidadania; e 2. A transição entre dependência social para independência social que é essencialmente constituída pela transição habitacional e doméstica”. (Guerrero, 2001: 26). A “saída de casa” corresponde também a um excelente indicador para o estudo da continuidade e mudança social para a análise da heterogeneidade europeia no que concerne à diversidade de padrões de transições habitacionais (Aassveet *al.*, 2002; Nico, 2011).

2. Estudar os *turningpoints*

O estudo dos *turningpoints* ou, como são muitas vezes indiferenciadamente denominados, dos eventos ocasionais, não-demográficos, imprevistos, não-normativos, decisivos, críticos e/ou de viragem são discutidos em duas arenas. Por um lado, é referida a extrema dificuldade em definir, identificar e prever a ocorrência e os efeitos destes eventos. Lieberman chega mesmo ao ponto de referir que se trata de uma “*undo ablescence*” (1985 citado por Shanahan e Porfeli, 2007) na medida em que é impossível a determinação, com precisão, do efeito causal dos eventos desta natureza, e a comparação com um grupo, de controlo, de pessoas que não tenham experienciado tal evento (referindo-se implicitamente a modelos de regressão linear). Por outro lado, e em contrapartida, é frequentemente referida a necessidade de explorar novas teorias e métodos que deem conta destes fenómenos (Shanahan e Porfeli, 2007; Furstenberg, 2005).

Assim, estes “eventos do acaso”, que são “*combinações complexas de atributos pessoais e situacionais, consistentes com a relação entre factores externos e dinâmicas intrínsecas*” proporcionam novas avenidas de investigação (Shanahan e Porfeli, 2007, 107-108). Assim, ainda que a “*medição objectiva*” (cálculo da probabilidade da ocorrência, e identificação da importância causal para determinados efeitos) seja “*inexequível, as interpretações subjetivas destes eventos têm recebido muito pouca atenção na perspectiva do curso de vida*” (Shanahan e Porfeli, 2007: 97). Estes “eventos do acaso”, embora façam parte de um “*território quase totalmente inexplorado nas pesquisas do curso de vida, constituem-se ‘instrumento’ através dos quais os indivíduos entendem o desenrolar das suas vidas*” (Shanahan e Porfeli, 2007: 117).

2.1. O método usado

O método misto utilizado na pesquisa que deu origem a este *paper* (Nico, 2011) pretendeu adequar-se ao estudo dos *turningpoints*, ao mesmo tempo que pretendeu escapar à “*ilusão biográfica*”. Para tal, combinou-se a entrevista biográfica com o calendário de vida (Nico, 2011, 2012). Uma das manifestações desta adequabilidade refere-se à complexidade e ao detalhe da história contada, conseguida através da oportunidade que esta metodologia cria para que o indivíduo possa contar de forma livre os episódios não demográficos que influenciaram o curso das vidas. Só o pormenor, aliás, “*testemunha a importância do evento*” (Becker, 1994: 186) e permite a observação e a análise dos “*turningpoints*” como processos (Abbott, 2001) ou como “*histórias*” (Becker, 1994:188). Além disso, também a relação cronologicamente organizada dos eventos, captada pelo preenchimento do calendário de vida, permite analisar com precisão a “interdependência” e a sequência entre os eventos demográficos e não demográficos, importantes ou irrelevantes para o sujeito narrador, dificultando uma coerência biográfica fabricada em sequências, erradas, de eventos (Nico, 2011, 2012). Uma segunda manifestação da adequabilidade do método ao objectivo analítico deste *paper* está relacionada com o significado, retrospectivamente oferecido, ao sentido da ação. Só uma análise do passado (recente, neste caso) pode informar o sujeito reflexivo e narrador da sua biografia, e posteriormente o investigador, sobre quais foram as condições *necessárias* e *suficientes* para um determinado curso da vida (George, 2009: 169).

2.2. Definições de “*turning points*” e termos análogos

O conjunto mais lato dos fenómenos mencionados inclui definições mutuamente exclusivas ou inclusivas de conceitos como “*eventos do acaso*” (isto é, com fraca probabilidade de acontecerem ou de difícil previsão), “*críticos*” (eventos de crise pessoal, de causa intrínseca ou extrínseca), involuntários, ou “*turning points*” (de viragem biográfica). Estas diferenças conceptuais têm também filiações disciplinares. Como clarificam Shanahan e Porfeli, a psicologia tem-se preocupado mais com os eventos “*não-normativos*”, a sociologia do curso de vida com os chamados “*turning points*” e a estatística com os “*eventos do acaso*” (ou de fraca probabilidade) (2007: 99). Em todo o caso, estes eventos distinguem-se pelas suas naturezas causais e reflexivas.

Os eventos do acaso são mais conhecidos por “*chance events*” e equivalem a “*low chance events*” (Shanahan e Porfeli, 2007: 100). São eventos cuja probabilidade de ocorrência se supõe baixa, mas o valor dessa probabilidade é meramente especulativo, porque quase impossível de determinar. Não surpreendentemente, estes aspectos têm captado mais atenção do campo disciplinar da estatística (Shanahan, 2007: 99). Shanahan e Porfeli definem estes eventos como tendo de baixa ocorrência, capazes de provocar efeitos importantes nos cursos de vida e, por fim, involuntários e não-intencionais (2007: 97).

Os eventos não-normativos ou críticos são momentos de descontinuidade social (Shanahan e Porfeli, 2007: 107). Furstenberg (2005) chama a atenção para o facto dos indivíduos tenderem a mobilizar-se para compensar os efeitos negativos desse evento não-normativo; e para o facto de existir a tendência, nestes momentos, para o aumento do apoio, e dos respectivos recursos, aos membros da família ou *outros significativos* que precisem de ultrapassar esse acontecimento. Por último, chama a atenção para o facto deste tipo de experiências promover o amadurecimento e desenvolvimento pessoal (2005: 169-170). Dadas as referidas características dos eventos críticos, torna-se evidente que seja a psicologia a dedicar mais atenção ao estudo destes fenómenos.

Por fim, a ideia de “*turning points*” é definida menos pela natureza improvável (“*chance events*”) ou negativa (“*critical points*”) do evento causal e mais pelo efeito que provoca no redireccionamento (voluntário, involuntário ou um misto de ambos) no curso de vida. Implica, portanto, uma avaliação sobre a mera existência de efeito. Os “*turning points*” ou momentos de viragem biográfica podem coincidir com eventos demográficos importantes como a formação de família ou a entrada ou saída no mercado de trabalho, mas também podem *simplesmente* referir-se a produtos de reflexão ou reinterpretação do passado (McLeod e

Almazan, 2002: 396). São, portanto, momentos, por uma razão ou outra, definidores do futuro ou de ruptura com o passado (George, 2009: 169).

Assim sendo, estes momentos são identificados subjetivamente pelo sujeito e dificilmente captáveis em metodologias extensivas. Os “*turning points*” são, como afirma Abbott, “*inherently narrative events*” (2001:251), e também por esse motivo só podem ser identificados retrospectivamente pelo indivíduo (George, 2009: 169). A saída de casa dos pais assume muitas vezes esse papel de “*narrative turning point*” (Maynes, 2004: 327).

3. Amor e emancipação

Os casos foram codificados segundo a identificação, nas histórias contadas pelos entrevistados, de momentos de viragem do curso de vida (alguns indivíduos concentravam mais do que um “*turning point*”). No total, 39 “*turning points*” foram identificados em 27, dos 52, indivíduos. O conjunto de (a)casos aqui desenvolvido baseia-se na relação entre amor e emancipação. Com base nas diferentes relações estabelecidas entre estes dois conceitos, diferentes tipos de saída de casa dos pais (efeito) foram identificados: as *partidas*, as *largadas* e as *fugidas*.

Numa leitura mais macro do fenómeno, foi evidente a importante relação que o destino da saída de casa dos pais, conjugal ou não, estabelece com o *timing* dessa mesma saída. Foi também reveladora a importância que a sincronização entre a carreira amorosa e a carreira habitacional tem na identificação das principais mudanças nos padrões de transição para a vida adulta ao longo do tempo e ao longo do espaço Europeu (Nico, 2011). Mas uma leitura desta natureza é incapaz de captar as intencionalidades e as improvisações envolvidas nesses momentos de sincronização e de dessincronização da conjugalidade com a saída de casa, por um lado, e a relação entre amor e emancipação - dois conceitos com enorme potencial de mudança do curso de vida- (Thorsell, 2002: 131), por outro. Não apenas o amor romântico é uma força de mudança individual (Person *citado por* Thorsell, 2002: 131), como também é criador de relações sociais (Torres, 1987, 2002, 2004), na medida em que o “*afecto produz ‘obras’, pessoas, é uma forma de criação por excelência da vida social em sentido metafórico e real*”. (Torres, 2004: 36).

A natureza estável de certas relações “românticas” ou amorosas pode ser forte produtor de inércia (invisível em dados de natureza extensiva). Independentemente do tipo de efeito, o amor não é uma variável desprezável no estudo da transição para a vida adulta. A “*importância teórica do amor*” será aqui assumida, isto é, o amor é “*analisado enquanto elemento da ação social e consequentemente de estrutura social*” (Goode, 1959: 38). Como refere Torres, o amor, e acrescente-se, o desamor, é considerado “*uma espécie de mola impulsadora da ação, uma força que, no quadro dos valores das sociedades contemporâneas tem o poder suficiente para criar, em sentido real, novas relações sociais*” (2004b: 18). De facto, a “*sociologia não pode renunciar por miopia positivista*” o estatuto de “objecto científico” das emoções e os sentimentos (Lopes, 2002: 59).

A importância da carreira e do desempenho amoroso durante a transição para a vida adulta é dupla. Por um lado, a aprendizagem de como iniciar, manter e terminar relações românticas é indiscutivelmente uma das mais importantes competências, do ponto de vista do desenvolvimento humano, do período da transição para a vida adulta (Snyder, 2006, p. 161 *citado por* Reifman, 2011: 20; Regalia, 2011: 150-151). Por outro lado, existe uma grande interdependência entre as carreiras e esferas da vida. E o amor, que tem esse poder modificador, interfere fortemente com as outras carreiras e esferas da vida (Manning, 2011: 317).

Tal como nas autobiografias analisadas por Maynes, a saída de casa dos pais foi apresentada pelos entrevistados quase sempre como um momento marcante ou decisivo no curso das suas vidas (2004: 321). Nesta pesquisa foram identificados três tipos de saídas de casa associadas ao amor e regidas pelos efeitos de género da contemporaneidade (em 17 indivíduos): as *partidas*, *largadas* e *fugidas*.

3.1. Namoros longos, *partidas tardias*

As relações longas diminuem o ritmo de saída de casa, isto é, quanto mais longa a relação maior a propensão para se adiar a saída de casa dos pais. Deste modo, estar numa relação longa implica uma janela *menor* de oportunidade (socialmente exequível) para a ação, o que foi verificado tanto no caso dos homens como no das mulheres. Essa propensão para o adiamento da saída de casa dos pais ocorre por vários motivos: “*vidas vinculadas*” (Elder, 2004), a *força da inércia* e, por fim, a existência de *protocolos amorosos*.

“*Vidas vinculadas*”, e a “eterna noiva”

Sofia¹ tem atualmente 29 anos e há quatro que está noiva do Nuno, com quem namora há 11 anos. Há quem lhe pergunte: “*Então Sofia, nunca mais? Andas para aí só a namorar, namorar*” mas ela responde “*tem que se namorar enquanto se pode*”. Os pais de Sofia tentaram proteger e afastar a Sofia da vida profissional, amorosa e habitacional o mais possível. Colocaram a hipótese da procura de trabalho apenas depois de terminada a frequência escolar, diurna. O trabalho, que o pai lhe “arranjou” no aeroporto, é ainda hoje aquele que Sofia exerce (há 8 anos à data da entrevista). Relativamente ao único namoro que Sofia teve até hoje, foi controlado (especialmente pelo pai), avaliado e vivido no seio da família o mais possível. Não houve emancipação individual por via da amorosa, mas uma subordinação da vida amorosa à vida familiar. Por fim, relativamente à habitação, apesar da experiência de uma vida inteira a viver confortavelmente numa casa arrendada, Sofia refere: “*o problema é que eu não quero alugar casa, porque acho que o dinheiro que eu vou dar a uma pessoa pela casa que estou a alugar, dou para o banco e mais tarde é minha. Apesar de eu saber que vou estar o resto da minha vida a pagar, mas isso também estaria numa casa alugada, não é?*”. Por fim, a sincronização das situações profissionais de Sofia e de Nuno têm assumido grande importância no adiamento da saída de casa dos pais. Antes de Nuno ter conseguido recuperar de um longo período de desemprego, Sofia passou, ilegalmente suspeita-se, para o regime de *part time* no seu emprego, recebendo um salário também bastante mais reduzido. Isso impossibilitou que avançassem para a compra da casa que finalmente encontraram a cerca de um quilómetro da casa dos pais de Sofia, e levou a que esta continuasse a “eterna noiva”, como lhe chamam as colegas.

Especialmente para os jovens que pretendem sair de casa por via da conjugalidade, em particular pelo casamento e pela compra de uma casa, a sincronização dos dois cursos de vida individuais do casal é da maior importância. Assim, é necessário o encontro de dois “*pontos ótimos*” nas carreiras profissionais para a identificação do melhor *timing* para a saída conjugal. Visto que as vidas profissionais e pessoais podem correr mal alternadamente (ou até em simultâneo), anos podem passar-se até se encontrar este duplo “*ponto ótimo*” temporal. Casamento e compra de casa são, para além disso, processos burocráticos e complexos do ponto de vista logístico, o que acresce ainda mais “tempo” à relação de namoro em casas separadas.

Estes aspectos contribuem para o nível máximo de dificuldade de agência: expectativas elevadas e formais de conjugalidade e propriedade, por um lado, e situações económicas mais desafiantes, por outro. A escolaridade e a classe social de origem baixas facilitam a falta de “*adaptação estratégica*” do plano de vida ou, em alternativa, de “*agência*” face (Giele e Elder, 1998: 9-10, Elder e Giele, 2009: 14) a esta situação, que poderia passar por abdicar ou do casamento e/ou da compra da casa, avançando para uma situação de conjugalidade mais informal e/ou para uma situação habitacional mais temporária, como a que caracteriza o arrendamento urbano.

Este é, portanto, um exemplo de como as vidas estão vinculadas (ou, originalmente “*lives are linked*” (Elder, 1994) e de como a ausência ou a ocorrência de eventos numa vida pode influenciar de forma determinante a ausência, ocorrência e *timing* de eventos num outro curso de vida. Quanto menos os instrumentos para uma “*adaptação estratégica*”, isto é, quanto menor a *janela de oportunidades* para a ação *a priori*, maior o adiamento do momento da saída de casa dos pais. O caso da Sofia, “*a eterna noiva*”, exemplifica este caso com clareza.

A força da Inércia

A propósito da probabilidade de “sucesso” das uniões de facto (futuro casamento) Stanley *et al.*, referem a centralidade do conceito de “inércia” para a compreensão das relações amorosas na idade jovem adulta (2011: 243). Estes autores referem que terminar uma relação é tanto mais difícil quanto mais estabilidade (ou aparente estabilidade) a envolve. Tal sucede pela inércia que contagia os indivíduos que se encontram numa situação relativamente “estável”, cuja descontinuidade traria consequências a outras esferas da vida. Esta inércia refere-se, no caso aqui exposto, aos jovens adultos que face a situações de insatisfação amorosa (e outras) tendem a deixar o tempo passar, a conseguir evitar a ruptura amorosa (e outras) ou até a reflexão ou diálogo sobre a mesma com o parceiro amoroso. A inércia é tanto maior quanto mais longa é a relação amorosa.

Há uma grande interdependência entre a inércia das várias esferas da vida. Ao fragilizar-se num ponto, abre-se uma enorme janela de oportunidade, um legítimo precedente, para procurar a ruptura de tudo o que se encontrava num estado de insatisfação idêntico. Quanto maior a reflexividade individual (acompanhada na maior parte das vezes por escolaridade elevada), maior parece ser a tendência para romper a inércia, para lidar com a ruptura, para aproveitar esse momento para reciclar velhos projetos, inaugurando um novo paradigma biográfico individual.

Pouco tempo depois da entrevista, aos 25 anos, Doraⁱⁱ terminou a sua relação de 8 anos com o Pedro, encontrou novo namorado, saiu de casa (onde vivia com o pai), foi viver com esse novo namorado e despediu-me de um emprego onde se encontrava em situação de efetividade e progressão na carreira (mas de profunda insatisfação ao nível da realização pessoal). Deixou “arrastar” estas decisões enquanto pôde, mas em entrevista foi difícil evitar a inquietação que as envolvia.

Na história de Dora, é muito frequente uns “*deixei andar*”, “*deixo-me simplesmente arrastar*”, “*estou assim um bocado em águas de bacalhau*”, “*tenho deixado arrastar*”, “*o tempo passou e eu não fiz nada*”, “*estou um bocado acomodada àquilo que tenho*”.

Dora mantém-se, durante algum tempo na sua vida, descomprometida face a decisões de ruptura. Não obstante, tem consciência desse nível de incerteza e diz: “*a ideia é um bocado manter as possibilidades todas em aberto e depois, quando eu me sentir preparada, começar a tomar esses riscos e a fazer mesmo alguma coisa*”. Por esse motivo, é comum, ao olhar para o seu futuro profissional e amoroso, expressar-se com frases como “*não consigo projetar*” ou “*custa-me aceitar esses compromissos*”, “*não está nada definido*”, “*conseguir deixar as hipóteses em aberto*”, “*as coisas estão menos claras*”. A inércia, atingida no seu limite, associada às densas reflexões sobre ela, formaram uma combinação explosiva, que resultou numa catadupa de rupturas, de que Dora tinha noção: “*se bem que elas [esferas da vida] estão todas relacionadas e de alguma forma, se eu avançar muito numa, eu vou ter que avançar à força ou não noutra, para conseguir acompanhar*”. Terminar a relação que tinha há 8 anos com o Pedro foi a primeira, a desbloqueadora de inércia.

O protocolo amoroso

Quanto maior o respeito por esta regra do *protocolo amoroso*, maior o adiamento em sair de casa dos pais. Tomar a decisão de sair de casa dos pais, através do arrendamento e principalmente através da compra de uma casa (pelo carácter muito mais definitivo que acarreta) antecipa uma conversa sobre planos de futuro a dois, ou torna essa conversa um tabu que poderá começar a corroer a relação. Aquando numa relação a dois, as decisões individuais que tenham consequências sobre o casal devem, então, ser faladas e negociadas entre os membros, sob pena de ser desrespeitado o *protocolo amoroso* e, em último caso, ser provocada ou antecipada uma ruptura que até poderá ser indesejada por ambos.

Foi o início do fim. Desde a decisão de comprar uma casa sozinho que a relação do Joãoⁱⁱⁱ com a Catarina nunca mais foi a mesma. Ele quebrou uma das importantes regras tácitas do protocolo amoroso. “*E agora vou-te explicar como é que não se deve estragar um namoro*”, inicia João esta sua história.

A sua relação “inteligente” com o dinheiro, e a sua necessidade por sinais exteriores de sucesso do seu curso de vida, levaram-no a ponderar comprar uma casa, por considerar na altura que era a opção economicamente mais inteligente: “*bom, acho que está na altura, agora ganhas mais e tal’. O ambiente em casa era bom, mas eu sentia necessidade*”. Da busca, seleção, decisão e decoração ficou excluída a Catarina. Por pena da mãe, e por ver que a deixava feliz, deu à mãe total liberdade para entrar, decorar e opinar sobre a casa. O próprio João admite: “*a minha casa é como se fosse da minha mãe*”. Não interpretou como deveria o aparente e imediato desinteresse de Catarina nas decisões relativas à casa até surgir a “situação”, o início do fim da relação: “*não sinto esta casa como se fosse minha*”, disse-lhe Catarina. E um dia terminou a relação.

3.2. Namoros findos, *largadas* antecipadas

A emancipação habitacional é, na maior parte dos casos em Portugal, fruto da união amorosa, seja através da união de facto, seja através, predominantemente, do casamento. Mas é também, paradoxalmente, muitas vezes, consequência de ruptura e/ou desgosto amoroso. Nesta medida, a libertação do indivíduo face ao casal abre uma enorme *janela de oportunidade* para a ação individual, para a reformulação do plano de vida original. para a reciclagem de velhos sonhos. Nesta tendência verifica-se uma significativa diferença entre o padrão encontrado nas mulheres e o padrão encontrado entre os homens. Entre as mulheres, o fim da relação é mais vezes o pretexto para passar ao *plano B* da vida, esteja ele já definido e à espera de ser executado ou seja ele improvisado no rescaldo do acontecimento. É, de facto, uma oportunidade para uma mudança de paradigma biográfico. No caso dos homens é mais vulgar estes serem digeridos como pausas do *plano A*, a ser posto em prática mais tarde, quando as condições para tal voltarem a ser reunidas.

Com 26 anos acabados de fazer, Sara encontrava-se num momento de vulnerabilidade relativamente ao rumo da sua vida. Sara diz: “*Porque vejo o tempo a passar, tenho agora 26 anos, que horror, e não vejo grandes alterações na minha vida, percebes?*”.

A sua educação baseou-se numa ética forte face ao trabalho e ao consumo conciliada com um investimento protegido na educação de ensino superior, bem como numa relação de confiança na negociação e transparência dos direitos e deveres de cada membro da família. A mãe de Sara, sem rodeios, costumava dizer-lhe “*Então? Outra vez? O que é que fazes ao teu dinheiro? Tens que arranjar qualquer coisa para fazer? (...) A não-sei-quantas precisa que vão lá limpar-lhe a casa! Já pensaste sobre isso?*”; mas simultaneamente esclarecia “*não, não, as coisas da faculdade, eu faço questão de pagar!*”. Esta conciliação baseou-se, assim, no incentivo à entrada gradual e desempoeirada no mercado de trabalho, e simultaneamente à proporção de condições para a frequência de ensino superior.

Mas Sara, a certa altura da sua vida, converteu o que se desenrolava como uma “biografia normal” numa “biografia de escolha”. “*Apetece-me mudar a minha vida!*”, justificou-se Sara. Essa certa altura ou, aos olhos de Sara, essa altura certa para agir, deu-se depois do final de uma relação amorosa.

Não havia tempo a perder. Sara refere: “*acho que foi um bocado consequência do fim daquela relação que se calhar me marcou. Tipo, fechou-se um ciclo ali. E era um bocado ‘isto agora tem mesmo que mudar!’*”. Sara acrescenta “*Tem a ver com o sentir que eu já não era eu naquele sítio. Já não fazia sentido estar ali.*” Com o fim da relação esgotou-se o último motivo para permanecer, mais do que naquela casa, naquele estilo de vida.

3.3. Namoros “no armário”, *fugidas necessárias*

Embora poucos estudos se tenham dedicado exclusivamente às diferenças nas transições para a vida adulta dos jovens com orientação homossexual, tem sido apontado que não só o “*coming out*” é um importante ponto de viragem nos cursos de vidas dos jovens ena (re)definição da relação com a família de origem (Thomson, 2007: 102) como também por este motivo, os jovens com orientação homossexual tendem a sair de casa dos pais mais cedo do que os seus pares heterossexuais (Heath e Cleaver, 2003; 24-25).

Neste sentido, ou saem de casa para evitar o “*coming out*” na família (saída estratégica) ou saem de casa para concretizar ou por ter concretizado o “*coming out*” na família (saída reativa). Nos casos recolhidos, apenas o primeiro caso, o da saída estratégica, se concretizou (mas sempre entre homens, já que não se deparou com mulheres homossexuais no processo da bola de neve). Apesar disso, duas situações diferentes se verificaram.

Gonçalo, que não queria esperar pelo projeto conjugal para sair de casa, refere: *“eu tinha a ideia que não posso esperar por ninguém, para ter esse projeto. Porque eu não sei se ele vai acontecer e o mais certo, pelo andar da carruagem, era eu nunca vir a ter projeto nenhum desses. Portanto, vamos lá despachar isto, que eu não posso ficar em casa até aos 50 anos.”* Acrescenta: *“o seres gay, automaticamente tira-te dessa corrida (...) e essa oportunidade de sair da corrida dá-se porque a partir da altura em que tu aceitas isso para ti e que faz parte, não quer dizer que seja um estandarte, nem cavalo de batalha, mas faz parte de tua apresentação aos outros, eles também já não vão esperar isso de ti. O melhor de tudo é que eles nem sabem o que hão de esperar. Ótimo. Nem sequer tenho um estereótipo a seguir.”*

No caso seguinte, um conflito interno é vivido com grande intensidade, conflito esse facilitado pelo tradicionalismo e conservadorismo que caracteriza a família de origem, o que faz o jovem crer que o “*coming out*” na família provocaria uma ruptura.

O Tiago^{iv} já saiu de casa várias vezes. Os motivos oficiais, pretextos, como lhe chama, eram bastante legítimos: para estudar ou para trabalhar. Mas os motivos verdadeiros eram diferentes: ter mais liberdade social e mais espaço para explorar a sua sexualidade. Perante uma socialização que Tiago qualifica de machista (por parte do pai) e moralista (por parte da mãe), *“ainda muito típica do antigamente”*, estas conquistas foram graduais e camufladas.

O Tiago conseguiu, no segundo ano da faculdade, tomar uma grande decisão: desistir do curso de economia com o qual não se identificava. Esta decisão acabou por dar coerência a uma segunda decisão: concorrer a uma Faculdade da Universidade de Coimbra. O curso que lá poderia frequentar foi apresentado como o único motivo para a saída de casa: *“Nunca lhes disse que havia outro critério. Foi o principal. Eu gostava do curso mas mesmo esse curso também podia tê-lo feito cá. Eu arranjei a questão de ser uma licenciatura em vez de bacharelato como havia em Lisboa. E eu arranjei o pretexto que era uma licenciatura”*. Mas a verdade, diz, é que: *“eu saí porque queria sair, porque não queria viver com os meus pais, queria liberdade”*.

Já a motivação para a segunda saída de casa dos pais, esteve diretamente relacionada com a sua orientação sexual e com a forma como esta não podia ser vivida e experimentada naquele contexto doméstico. Tiago diz: *“o meu objectivo aqui era mais direto para uma certa situação que era a de explorar a minha sexualidade*. Mas depois disso Tiago voltou (a regressar e) a sair. Através da compra de casa, apaziguou mais uma vez a sua saída de casa, conseguindo facilmente a aprovação e apoio dos pais. Os pais não sabem que o Tiago tem um namorado, com quem é muito feliz, e com quem praticamente mora. E assim Tiago vai saindo de casa para não ter que sair do armário.

4. Conclusões

Porque *“‘explicar’ significa, pois, para uma ciência que se ocupa do sentido da ação, exatamente: apreensão do contexto de sentido onde se insere, pelo sentido subjetivamente visado, uma ação atualmente compreensível”* (Weber citado por Cruz, 1995: 589), neste *paper* argumenta-se a favor do estudos dos

turning points (e de metodologias que o permitam). Apela-se, ainda que somente através de evidências empíricas em torno dos acontecimentos amorosos durante o período da transição para a vida adulta, pelo estudo dos *turning points* enquanto potenciais indicadores da agência e da *compreensão explicativa* (Weber citado por Cruz, 1995: 588) de *por que* é que certos acontecimentos ocorrem, *como* ocorrem e *por que* ocorrem quando ocorrem.

Os acontecimentos amorosos tendem a sofrer de um desdém metodológico idêntico ao que sofrem os dos *turning points*: a ideia de singularidade dos eventos rivaliza com o reconhecimento científico do seu potencial explicativo da ação e da estrutura social. As conclusões retiradas na pesquisa mais lata e desenvolvidas mais concretamente neste *paper* vêm, pelo contrário, atenuar os motivos para os mencionados desdêns e alertar para a importância de “*um outro tipo de ciência, diferente do que estamos habituados*” (Becker, 1994: 183).

Uma primeira conclusão está relacionada com a importância da eminência da conjugalidade e das orientações para a conjugalidade, e não apenas do momento ou existência do momento de entrada em papéis conjugais. Assim, as carreiras amorosas não são necessariamente conjugais. Muitas relações amorosas têm importantes consequências pelo seu início, fim ou desenvolvimento, na determinação do rumo do curso de vida durante o período de transição para a vida adulta. “*O amor é frequentemente um prelúdio para o casamento*” (Goode, 1958: 42), mas nem sempre cumpre apenas essa função. E dessa forma, para um entendimento holístico dos cursos de vida, a informação que permite a análise das “carreiras amorosas” deve ser recolhida, de preferência separadamente, para que possa desempenhar, numa qualquer análise, o papel de variável dependente e assumir assim a sua dignidade analítica.

Os dados qualitativos permitem acrescentar camadas de entendimento à importância da conjugalidade na saída de casa dos pais mas pecam pela falta de opções de comparabilidade que oferecem. Algumas questões ficam, portanto, ao lado do apelo pela recolha de dados quantitativos e qualitativos das carreiras amorosas, por responder: sobre a eventual variabilidade cultural dos mencionados “*protocolos amorosos*”; sobre a relação destes protocolos amorosos com os mercados de habitação de cada um dos países; sobre o enraizamento cultural de um eventual requisito de económica comum para a entrada na conjugalidade; e, por fim, sobre os efeitos da saída mais precoce de casa dos pais no caso dos indivíduos homossexuais na restante transição para a vida adulta e, de resto, na trajetória de vida de uma forma geral.

Por fim, uma última conclusão, mais substantiva, está relacionada com a aparente *genderização* dos efeitos dos *turning points* amorosos. Kimmel afirma que o período da transição para a vida adulta é o mais *genderizado* de todo o desenvolvimento humano (2008). Além disso, Thomson afirma que há uma “*emergência de uma especificidade da individualização feminina*” (2009), que pode ser considerada contrária à “*emphasised femininity*” de que fala Connell (1987). A análise dos percursos amorosos permite reificar estas duas premissas, especialmente no que se refere à maior reflexividade individual apresentada pelas mulheres, pela maior capacidade de “*adaptação estratégia*” (Elder, 1994) que demonstram ter aos acontecimentos inesperados ou disruptivos, e ainda à maior capacidade que demonstrar na reciclagem de projetos de vida e à passagem a *planos B* da vida.

6. Referências

- Aassve, Arnstein, Francesco C. Billari, Stefano Mazzucco e Fausta Ongaro (2002), “Leaving home: a comparative analysis of ECHP data”, *Journal of European Social Policy*, vol. 12 (4), pp. 259-275.
- Abbott, Andrew (1995), “Sequence analysis: New Methods for old ideas”, *Annual Review of Sociology*, vol. 21, pp. 93-113.
- Becker, Howard S. (1994), “‘Foi por acaso’: Conceptualizing Coincidence”, *The Sociological Quarterly*, vol. 35 (2), pp. 183-194.
- Buchmann, Marlis e Irene Kriesi (2011), “Transition to Adulthood in Europe”, *Annual Review of Sociology*, 37, pp. 481-503.

- Connell, R. W. (1987), *Gender and Power: society, the person and sexual politics*, California, Stanford University Press.
- Córdon, Juan (1997), “Youth Residential Independence and Autonomy. A comparative Study”, *Journal of Family Issues*, vol. 18 (6), pp. 576-607.
- Elder, Glen H. e Janet Z. Giele (2009), “Life Course Studies: An evolving Field”, em Elder Jr., Glen H. e Janet Z. Giele (Eds.), *The Craft of the Life Course Research*, New York, The Guilford Press.
- Elder, Glen H. (1994), “Time, Human Agency, and Social Change: Perspectives on the Life Course”, *Social Psychology Quarterly*, vol. 57 (1), pp. 4-15.
- Furstenberg, Frank (2005), “Non-normative Life Course Transitions: Reflections on the significance of demographic events on lives”, *Advances in Life Course Research*, vol.10, pp. 155–172.
- George, Linda K. (2009), “Conceptualizing and measuring Trajectories”, em Elder Jr., Glen H. e Janet Z. Giele (Eds.), *The Craft of the Life Course Research*, New York, The Guilford Press.
- Giele, Janet Z. e Glen H. Elder Jr. (1998), “Life Course Research: Development of a Field”, em Giele, Janet Z. e Glen H. Elder Jr. (Eds.), *Methods of Life Course research. Qualitative and Quantitative Approaches*, California, Sage.
- Goldscheider, Frances e Calvin Goldscheider (1999), *The Changing Transition to Adulthood. Leaving and Returning Home*, London, Sage.
- Goode, W. J. (1959). “The theoretical importance of love”, *American Sociological Review*, vol. 24, pp. 38-47.
- Guerrero, Teresa Jurado (2001), *Youth in Transition: Housing, Employment, Social Policies and Families in France and Spain*, Hampshire, Ashgate.
- Hareven, Tamara K. e Kathleen Adams (2004), “Leaving Home: Individual or Family Strategies”, em Poppel, Frans van, Michel Oris e James Lee (Eds.), *The Road to Independence. Leaving Home in Western and Eastern Societies, 16th-20th centuries*, Bern, Peter Lang European Academic
- Heath, Sue e Elisabeth Cleaver (2003), *Young, Free and Single? Twenty-somethings and Household Change*, New York, Palgrave MacMillan.
- Jones, Gill (1995), *Leaving Home*, Buckingham, Open University Press.
- Lopes, João Teixeira (2002), “Razão, corpo e sentimento na teoria social contemporânea”, *Sociologia*, 12, pp. 57-64.
- Manning, Wendy D., Peggy C. Giordano, Monica A. Longmore e Andrea Hocevar (2011), “Romantic Relationships and Academic/Career Trajectories in Emerging Adulthood”, em Fincham, Frank D. e Ming Cui (Eds.), *Romantic Relationships in Emerging Adulthood*, New York, Cambridge University Press.
- Maynes, Maru Jo (2004), “Leaving Home in Metaphor and Practice. The Roads to Social Mobility and Political Militancy in European Working-Class Autobiography”, em Poppel, Frans van, Michel Oris e James Lee (Eds.), *The Road to Independence. Leaving Home in Western and Eastern Societies, 16th-20th centuries*, Bern, Peter Lang European Academic Publishers.
- McLeod, Jane e Elbert P. Almazan (2002), “Connections between Childhood and Adulthood”, em Mortimer, Jeylan T. e Michael J. Shanahan (Eds.), *Handbook of the Life Course*, New York, Kluwer Academic Publications.
- Mitchell, Barbara A. (2007 [2006]), *The Boomerang Age: Transitions to Adulthood in Families*, New Jersey, Transaction Publishers.
- Mulder, Clara H. (2009), “Leaving the Parental Home in Young adulthood”, em Furlong, Andy (Ed.), *Handbook of Youth and Young Adulthood. New Perspectives and Agendas*, New York, Routledge.

- Nico, Magda (2011), *Transição Biográfica Inacabada. Transições para a Vida Adulta em Portugal e na Europa na Perspectiva do Curso de Vida*, Tese de Doutoramento, Departamento de Sociologia, Instituto Universitário de Lisboa, policopiado.
- Nico, Magda, “Calendar interviewing: enhancing conversation and escaping the “biographical illusion”, RC33 Eighth International Conference on Social Science Methodology, 9 a 13 July 2012, Sydney, Australia, distributed paper.
- Regalia, Camillo, Margherita Lanz, Semira Tagliabue e Claudia Manzi (2011), “Family Differentiation in Emerging Adulthood: The Role of Romantic Relationships”, em Fincham, Frank D. e Ming Cui (Eds.), *Romantic Relationships in Emerging Adulthood*, New York, Cambridge University Press.
- Reifman, Alan (2011), “Romantic Relationship in Emerging Adulthood: Conceptual Foundations”, em Fincham, Frank D. e Ming Cui (Eds.), *Romantic Relationships in Emerging Adulthood*, New York, Cambridge University Press.
- Shanahan, Michael J. and Erik J. Porfeli (2007), “Chance Events in the Life Course”, *Advances in the Life Course Research*, vol. 11, pp. 97-119.
- Stanley, Scott M., Galena K. Rhoades e Frank D. Fincham (2011), “Understanding Romantic Relationships Among Emerging Adults: The significant Roles of Cohabitation and Ambiguity”, em Fincham, Frank D. e Ming Cui (Eds.), *Romantic Relationships in Emerging Adulthood*, New York, Cambridge University Press.
- Thomson, Rachel (2007), “Chapter 3. A biographical perspective”, em Kehily, Jane Mary, *Understanding youth: perspectives, identities and practices*, London, Sage e Open University Press.
- Thomson, Rachel (2009), *Unfolding Lives: Youth, gender and change*, Bristol, Polity Press.
- Thorsell, Birgitta (2002), “Love and emancipation”, em Chamberlayne, Prue, Joanna Bornat e Tom Wengraft (Eds.), *The turn to biographical Methods in Social Science. Comparative issues and examples*, London, Routledge.
- Torres, Anália (1987) “Amores e Desamores. Para uma análise sociológica das relações afectivas”, *Sociologia Problemas e Práticas*, nº3, pp. 21- 33.
- Torres, Anália (2002), “Casamento: conversa a duas vozes e em três andamentos”, *Análise Social*, nº 163, pp. 569-602.
- Torres, Anália (2004) “Amor e Ciências Sociais”, *Revista Travessias*, pp. 15

ⁱ Sofia, 29 anos, vive com os pais numa casa alugada, tem namorado, tem o 12º ano, é técnica de handling em *part time*, o pai é mecânico, a mãe é doméstica.

ⁱⁱ Dora, 25 anos, vivia com o pai numa casa própria, tinha namorado, tem um curso superior, era técnica de estudos de mercado.

ⁱⁱⁱ João, 28 anos, vive sozinho numa casa própria, não tinha namorada, tem o 5º ano completo, é vendedor, o pai é motorista e a mãe é auxiliar de geriatria.

^{iv} Tiago, 30 anos, vivia com os pais numa casa própria, não tinha namorado, tem curso superior incompleto, é empregado administrativo, o pai é sargento e está reformado e a mãe é, e sempre foi, doméstica.